

---

## Editorial

---

---

Com este número, a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* inicia o seu quarto ano de publicação regular e ininterrupta, reunindo duas novas seções.

A primeira é “Observando a medicina” dirigida por Mônica Teixeira, com longa e vasta experiência no campo do jornalismo científico e tecnológico, e pelo Prof. Dr. Erney Plessmann de Camargo, Professor Titular da Universidade de São Paulo. Esta sessão pretende apresentar e discutir os problemas envolvidos com a medicina, na atualidade.

O artigo inaugurando o novo espaço é uma versão modificada do publicado na *Folha de S. Paulo* de 18/2/2001 e discute a “indústria dos ensaios clínicos” e os problemas que vêm colocando. A medicina é, hoje, um dos campos científica e tecnologicamente mais complexos, onde ocorrem grandes mudanças afetando os profissionais, os doentes, as instituições e as políticas de saúde e precisa estar sendo constantemente observada e analisada, pois tais mudanças possuem amplas implicações econômicas, sociais, políticas, clínicas e éticas. Os recursos públicos e privados à disposição do sistema de saúde são enormes e crescentes e, se mal aplicados, podem ter amplas conseqüências nefastas. Só porque trata da vida e da morte dos humanos, o sistema de saúde tem sido amplamente privilegiado no Ocidente sem que tenha ocorrido, ao mesmo tempo, uma ampla e eficaz ouvidoria capaz de relatar e discutir problemas e desvios existentes. Tal importante tarefa tem recaído sobre os ombros dos agentes de saúde que têm se visto na contingência de realizar a crítica do próprio trabalho. Mas

---



não podemos nos esquecer que médicos e instituições de saúde são objeto de intensa transferência por parte de seus usuários, que atribuem a eles um saber e um poder muito maiores do que efetivamente podem ter. Essa transferência sustenta o saber e o poder da medicina, mas, ao mesmo tempo, faz, muitas vezes, médicos e instituições de saúde esquecerem de sua ética, seus problemas e de suas limitações. Queremos dizer, com isso, que a saúde (e a doença) é uma das paixões do humano produzindo um intenso assujeitamento dos agentes que tratam, e dos tratados também, gerando uma grande ânsia de tratamento que freqüentemente leva a precipitações nefastas e ações antiéticas. Criando esta sessão, a *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental* pretende dar a sua contribuição para a necessária ouvidoria do sistema de saúde reconhecendo a sua natureza pática.

A segunda seção, dirigida pelo Prof. Dr. Mario Eduardo Costa Pereira, contém entrevistas com especialistas em psicopatologia que discutem os problemas enfrentados por este campo do saber. A primeira série reúne duas entrevistas: uma com o Prof. Dr. Pierre Férida, criador da psicopatologia fundamental e outra com o Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, um dos responsáveis pela existência e ampliação da psicopatologia fundamental no Brasil. Essas entrevistas têm por finalidade estimular a reflexão a respeito da natureza, dos problemas e dos limites da psicopatologia.

8

Alguns artigos deste número – os de Vera Lopes Besset, Analuiza Mendes Pinto Nogueira, Paulo de Carvalho Ribeiro e Tânia Coelho dos Santos – resultam da reunião do Grupo de Trabalho sobre “Psicopatologia e psicanálise” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP ocorrida em Serra Negra, em maio de 2000. Durante três dias, esse GT discutiu trabalhos de pesquisa sobre angústia e os artigos publicados agora refletem a riqueza do tema e da discussão. A *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* agradece o empenho da Prof<sup>a</sup> D<sup>ra</sup> Vera Lopes Besset, coordenadora do GT, e a preferência dos membros do grupo para publicarem seus trabalhos aqui.

Os demais artigos, de psiquiatras e psicólogos, culminando com o de Ludwig Binswanger, “Sobre psicoterapia”, compõem um número que consideramos de excelente qualidade.

Como é possível observar, a formação acadêmica dos autores deste número é variada e diversa. Além disso, os autores continuam sendo de numerosos Estados brasileiros sustentando, assim, o caráter nacional deste periódico científico. Desta vez falta um artigo escrito por autor residente em outro país latino-americano. Mas a freqüência com que temos publicado (e continuaremos a publicar) trabalhos de colegas de outros países da América Latina atesta a natureza internacional de nossa revista. Com isso queremos reafirmar a idéia de que a psicopatologia fundamental não é uma disciplina da medicina ou da psicologia, mas trata-se de uma rede de discursos sobre o sofrimento, a paixão e a sensibilidade humana sen-

do pronunciado por incumbentes de diferentes posições no campo do saber. Em matéria de sofrimento e de sensibilidade humana, não há mestre. Somos todos assujeitados e, por isso, capazes de pronunciar discursos que sejam, ao mesmo tempo, constitutivos de experiência e portadores de poder de tratamento, ou seja, psicoterapêutico.

O método clínico, fundamentando esses discursos psicopatológicos e práticas psicoterapêuticas, baseia-se, por sua vez, no caso clínico, construção que contém, em germe, uma metapsicologia. A psicopatologia fundamental é, assim, uma rede discursiva contendo uma dimensão psicoterapêutica e, outra, metapsicológica precisando sempre ser clara e precisamente formulada pois, só assim, será possível a constituição da experiência a respeito do *pathos*.

Neste sentido, o texto da D<sup>ra</sup> Gilda Paoliello, presidente da Associação Mineira de Psiquiatria, é de grande importância porque discute a questão do diagnóstico, ou seja, a identificação e nomeação do sofrimento, do *pathos*, contendo dimensão psicoterapêutica.

Talvez seja interessante observar, também, a proveniência teórica diversa dos trabalhos que compõem este número, simplesmente para dizer que a psicopatologia fundamental, sendo uma rede discursiva, acaba por ser constituída por uma grande mistura de abordagens teóricas contribuindo para uma melhor compreensão do sofrimento e da sensibilidade humana e de seu tratamento psicoterapêutico. De novo, em matéria de sofrimento e sensibilidade humana, não há teoria capaz de esgotar o assunto. A miscigenação é, pois, a característica dessa rede discursiva que vai sendo tecida no Brasil.

A *Revista* agradece, mais uma vez, a todos que colaboraram neste número.